

Para os gregos antigos *Physis* indica aquilo que brota por si, se abre, desponta, aquilo que desabrocha, que surge de si próprio e se manifesta, tornando-se explícito. *Physis* é um conceito que nada tem de estático, que se caracteriza por uma dinâmica profunda, genética e intrínseca.

“A *physis* compreende a totalidade de tudo o que é. Ela pode ser apreendida em tudo o que acontece: na aurora, no crescimento das plantas, na nascimento de animais e homens. E aqui convém chamar a atenção para um desvio em que facilmente incorre o homem contemporâneo. Posto que a nossa compreensão do conceito de natureza é muito mais estreita e pobre que a grega, o perigo consiste em julgar a *physis* como se os pré-socráticos a compreendessem a partir daquilo que nós hoje entendemos por natureza; neste sentido, se comprometeria o primevo pensamento grego com uma espécie de naturalismo.”¹ Ser e Parecer. As diferenças são grandes, o primeiro fala-nos de verdade, de se apresentar como realidade, acontecer, ocorrer, manifestar; o segundo de aparição, simulacro, de ter a aparência de, de ser parecido com. Ser é tudo o que é, tudo aquilo que se coloca como existente, que existe ou que tem a possibilidade de existir. Parecer é tudo aquilo que se assemelha a, aparenta, dá a ideia de, mas não é.

Enquanto totalidade, conjunto de diversas partes na formação de um todo, a *Physis* integra como sistema uma dimensão completa, universal e unívoca de uma condição. Tudo se integra e existe em equilíbrio, em harmonia e na justa proporção: Corpo e Alma ou Físico e Psíquico. Tudo É e Está, nada Parece.

1 BORNHEIM, Gerd A. (org), Os filósofos pré-socráticos, (São Paulo: Cultrix, 1999), 13-14. “(...)

É difícil dizer o momento preciso em que a totalidade se quebra e em que o pensamento grego deixa de crer que o ser está na *physis*. A distinção entre a aparência principia em Parménides. Mas é em Sócrates - Platão que a ruptura é evidente. O olhar que vê o fenómeno perde a sua simplicidade primeira. A aparência passa a ser pensada como ilusão. A verdade deixa de estar no “aparecer” e passa a estar na ideia. Para o homem arcaico o divino sussurrava no universo. Quando ele invoca o céu, o mar e a luz invocava o divino, invocava o verdadeiro e real, a plenitude do ser, invocava uma verdade viva e tutelar. O homem arcaico, tal como o vemos nos Kouroi e nas Kourai, é o homem que confia. (...) no seu corpo lemos a confiança do homem na sua própria natureza e na natureza do mundo em que está. Um homem que crê habitar o divino. Depois essa confiança é quebrada e tudo se divide.”²

E é a partir daqui que começará, provavelmente, verdadeiramente, a era do Antropoceno. Não mais um sentido de equilíbrio e harmonia em que o todo está em relação com as partes - o nosso ser e estar no mundo - mas uma fragmentação completa de conteúdos, agora tomados independentemente e fora do encadeamento metodológico que lhes dá significação. Os elementos, outrora unos, agora dispersos são absorvidos individualmente como globalidade emagrecendo-lhes o conteúdo que é inerente a esse processo de criação pulverizado.

Contestam-se origens, princípios, modelos e metodologias de trabalho. Desconstroem-se os fundamentos clássicos, autonomiza-se e inventam-se formas. Experimenta-se ávida, consciente e analiticamente: relativizar, descontextualizar, socializar, democratizar, sacralizar. Assume-se um corte com o passado e uma ruptura com anteriores convenções. A partir deste princípio de “geração espontânea”, de ponto zero de onde tudo nasce, procura-se sofregamente a renovação e a ruptura, o novo e o experimental, a possibilidade e a potencialidade.

A transformação surge pela negação de toda a ideia de tradição. A noção de Deus, ou Deuses, anula-se e com ela a relação com o divino e o transcendente que relativizava a nossa importância no Mundo. A *Physis* deixa de existir, o Homem posiciona-se como medida e no centro de todas as coisas e o que fica é a crença no indivíduo. A dimensão espacial ganha relevância porque através dela pode pôr-se

em causa a percepção que o Homem tem de si e daquilo que o rodeia. O conceito de espaço porque, acima de tudo, pode ser racionalmente construído, definindo

2 ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, *O Nu na Antiguidade Clássica*, (Lisboa: Caminho, 1992), 122.

uma outra percepção do próprio Homem e da sua relação com o Mundo e com a transcendência.

“O Mundo perdeu a sua dimensão humana. Entre o caos provocado pela tecnocracia, aliada inalienável do sistema financeiro, o Homem retornou ao seu estado mais primitivo, a barbárie instalou-se. A Humanidade transformou-se em joguete de interesses económicos não identificáveis. Aquilo que comodamente se intitula de os mercados não tem rosto, não é reconhecível, mas existe e define, ou quer definir, o modo como vivemos as nossas vidas. Sempre em função de metas objectivas e com a finalidade absoluta do lucro.”³

Hoje, porque o impacto negativo da actividade humana se torna notório na Terra e na possível sobrevivência da diversidade dos seus ecossistemas, o tempo urge e é cada vez mais importante conseguir reverter esta escalada. Fora do paradigma civilizacional agora instituído, princípios éticos e humanistas são essenciais para um re-nascer do sentido de Physis, do nosso ser e estar no Planeta.

Neste mundo egóico e materialista a possível reconciliação poderá fazer-se, também, por via da Arte porque ela ainda mantém a capacidade de associar com harmonia o Corpo e a Alma ou o Físico e o Psíquico, encontrar a aliança entre a permanência e o acontecer, que entretanto se perdeu.

3 SILVA, João Castro, “O Estado da Questão”, GAB-A, 22-26, (Lisboa: FBAUL e CIEBA, 2019)

PHYSIS.

JOAO CASTRO SILVA